



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: LIBRAS**

SANDRA MARIA MATOS SILVA

**MÃE DE SURDO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES ENFRENTADOS NA
PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LIBRAS - AUTOBIOGRAFIA**

PORTO NACIONAL

2023

SANDRA MARIA MATOS SILVA

**MÃE DE SURDO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES ENFRENTADOS NA
PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LIBRAS - AUTOBIOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso foi avaliado e apresentado ao Curso de Letras/Libras do Campus de Porto Nacional da Universidade Federal Tocantins – UFT, para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Suelen Silva de Oliveira.

PORTO NACIONAL

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M433m Matos Silva, Sandra Maria.
MÃE DE SURDO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES ENFRENTADOS
NA PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LIBRAS - AUTOBIOGRAFIA. /
Sandra Maria Matos Silva. – Porto Nacional, TO, 2023.
26 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras,
2023.
Orientadora : Suelen Silva de Oliveira

1. INTODUÇÃO. 2. AUTOBIOGRAFIA. 3. REFLEXÕES
TEÓRICAS. 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. I. Título

CDD 419

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SANDRA MARIA MATOS SILVA

**MÃE DE SURDO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES ENFRENTADOS NA PERSPECTIVA DA
AQUISIÇÃO DA LIBRAS - AUTOBIOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso foi avaliado e apresentado ao Curso de Letras/Libras do Campus de Porto Nacional da Universidade Federal Tocantins – UFT, para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Orientadora: Prof.^a Ma. Suelen Silva de Oliveira.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora,

Prof.^a Ma. Suelen Silva de Oliveira
Orientadora

Prof.^a Ma. Roselba Gomes de Miranda
Examinadora

Prof.^a Ma. Gésica Suellen Sobrinho Costa
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado Deus, que pelas suas misericórdias permitiu esta formação em minha vida, me deu força, paz de espírito e muita sabedoria. Sem Deus nada disso estaria se concretizando hoje.

Agradeço aos meus pais pelo amor que tens por mim, e meus irmãos, pelo apoio em orações e ombro amigo nos dias difíceis.

Ao meu amado esposo José pela paciência e pelo apoio que me deu todos os dias, e aos meus filhos e nora com muito carinho.

Aos meus professores em geral, agradeço a todos pelos incentivos, pelos ensinamentos dado com carinho e dedicação.

Agradeço aos colegas ouvintes e surdos de nossa sala, pelos momentos incríveis que passamos juntos, todos dando seu Maximo em todas as atividades e pela união de toda a turma.

As minhas amigas pra vida toda Macione, Rosirene e Eliete pelo companheirismo, pelo carinho, pela paciência umas com as outras, por cada momento que experimentemos juntas durante este curso, muito obrigada meninas.

Agradeço aos membros da banca, nas pessoas do Prof^a. Ma. Gésica S. Sobrinho Costa, Prof^a. Ma. Roselba G. de Miranda pela contribuição de cada um abrilhantando ainda mais a versão final da minha formação.

Enfim, cada pessoa citada de alguma forma fez parte deste momento tão importante para mim, sou eternamente agradecida pelo apoio de todos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais;

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

UFT - Universidade Federal do Tocantins;

SUS - Sistema Único de Saúde;

BERA - Brainstem Evoked Response Audiometry;

HOP - Hospital de Olhos de Palmas;

TO - Tocantins.

RESUMO

Esta autobiografia relata uma história que é fruto das experiências vividas por mãe ouvinte com filho surdo, com destaque nas barreiras enfrentadas durante o processo de aquisição da Libras no contexto de educação de surdos e relações familiares. Os estudos linguísticos realizados durante a graduação em Letras/Libras, despertou o interesse em narrar tais experiências, com o objetivo de relatar vivências e refletir sobre a aquisição do desenvolvimento linguístico e cognitivo do sujeito surdo. Também da necessidade de os familiares ouvintes acompanharem e valorizarem a libras como primeira língua, estimular o surdo ainda bebê durante o processo de aquisição da libras. As experiências narradas foram contrastadas, principalmente com as prerrogativas teóricas de Goldfeld (2002) e Quadros (1997). A teoria levantada permitiu refletir como se deu esta experiência em relação ao apoio familiar e a busca por suporte na área da saúde que pudesse garantir o desenvolvimento do surdo em fase inicial de aquisição da linguagem.

Palavras chaves: Libras; Desafios; Educação; Superação.

ABSTRACT

This autobiography tells a story that is the result of the experiences lived by a hearing mother with a deaf child, with emphasis on the barriers faced during the process of acquiring Libras in the context of deaf education and family relationships. The linguistic studies carried out during the Literature/Libras degree aroused the interest in narrating such experiences, with the aim of reporting experiences and reflecting on the acquisition of linguistic and cognitive development of the deaf subject. Also the need for hearing family members to follow and value Libras as a first language, encouraging the deaf baby during the process of acquiring Libras. The narrated experiences were contrasted, mainly with the theoretical prerogatives of Goldfeld (2002) and Quadros (1997). The theory raised allowed us to reflect on how this experience occurred in relation to family support and the search for support in the health area that could guarantee the development of deaf people in the initial phase of language acquisition.

Keywords: Libras; Challenges; Education; Resilience.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - AUTOBIOGRAFIA	11
2.1 – Gestação	11
2.2 - Nascimento	12
2.3 – Diagnóstico	13
2.4 - Aparelho Auditivo	14
2.5 – Orientação, adaptação e estímulo da fala.	15
3 - REFLEXÕES TEÓRICAS	18
3.1 - Educação de surdo	18
3.2 - Desenvolvimento da linguagem	20
3.3 - Relação familiar	23
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 - INTRODUÇÃO

Tendo em vista a quantidade de desafios a serem enfrentados por mãe ouvinte com seu filho surdo em busca de um meio eficiente para o seu desenvolvimento social, relacional e comunicacional é que este trabalho teve início nos primeiros períodos de faculdade. Foi a partir da ideia de realizar um breve discurso de uma história de vida real, para a qual nos embasaremos em alguns teóricos da área. Para isso reuni informações e experiências pessoais vivenciadas em diversas situações, como por exemplo: falar sobre família ouvinte e filho surdo, em meio a uma sociedade na época “exclusiva”, onde não acontecia a inclusão, nem entendimento do que era o ser surdo, por parte de algumas pessoas da família.

Nesta produção a metodologia é de característica qualitativa que se utiliza da abordagem biográfica e autobiográfica para relatar o acontecimento de uma experiência vivenciada em um contexto familiar de convívio entre ouvintes e surdo.

Sabemos da grande contribuição que esta autobiografia pode trazer para o meio familiar, educacional e para a área da saúde. Com foco no desenvolvimento do filho surdo e nas dificuldades encontradas, e qual caminho foi percorrido em busca do desenvolvimento dele, principalmente na educação e na aquisição linguística, uma vez que ainda não se falavam tanto na língua brasileira de sinais, a LIBRAS.

Como mãe de surdo expor o que se passou desde o diagnóstico da surdez até a primeira fase escolar, com idade entre seis, sete anos, no processo de inclusão social e familiar.

Sobre isso é o que descreve Quadros (2005) citando Souza (2000),

Quando a criança surda tiver a chance de, no início do seu desenvolvimento, contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas surdos, quando ela narrar em sinais e tiver escuta em sinais, a dimensão do seu processo educacional será outra (Souza, 2000, *Apud* Quadros, 2005, p. 26-36).

Sobre isso, os pais se tornam peças principais no desenvolvimento social, intelectual e linguístico da pessoa surda, a família logo que descobrir a surdez precisa procurar conhecer o contexto que envolve todos os aspectos da área médica e educacional, tendo em vista a necessidade de comunicar-se com a comunidade surda, tanto a família quanto o sujeito surdo independente da idade, é de extrema

importância a aproximação do surdo ainda criança e da família dele com as Associações culturais de surdos, para desenvolver conhecendo sua língua, sua cultura, seu jeito e criando sua própria identidade surda com o apoio dos outros surdos com mais experiência, representando o valor da cultura surda aos mais novos.

Os membros e não membros das Associações gostam de se comunicarem em outros lugares além do ponto cultural, os surdos combinam passeios em praças, igrejas, praias clubes em todos os lugares tem ponto de encontro, onde geralmente acontecem altos papos e trocas de experiências entre eles, a troca de experiência, o contato dentro da comunidade surda é muito importante e fortalecedora, pois todo esse processo se torna um facilitador para começar acontecer a aquisição linguística.

2 - AUTOBIOGRAFIA

Normalmente, durante a gestação a mãe idealiza várias coisas referente ao filho que está sendo gerado em seu ventre, as emoções ficam mais afloradas as expectativas são inevitáveis, chega naturalmente fazendo com que seja imaginado como será o formato do rosto, a cor dos cabelos, tipo de cabelo, tom de pele e outros detalhes, a imaginação flui.

Tanto os pais quanto todos os familiares entram na mesma emoção, idealizando em seus pensamentos uma criança “perfeita” afinal ninguém sonha em gerar um filho com algum tipo de “anormalidade”, ainda no ventre a criança já passa a ser o centro de muitas conversas entre os familiares de ambas as partes. Os nove meses se passam e chega o momento do nascimento, nesta hora todos estão ansiosos, mais ainda os pais. Dessa forma, quando a criança nasce, e para a alegria de todos ela é saudável, tem o corpinho perfeito, chora e mama normalmente, logo a família faz um autorretrato das características idealizadas, e percebem que tudo está dentro da “normalidade”.

Com o passar dos meses esta criança aparentemente “normal” aos olhos de todos, começa a apresentar sinais que não condiz com os padrões idealizados por esta família. Então começa uma série de sentimentos e de insegurança ao ponto de pensar que o sonho ideal, perfeito parece não ter mais sentido algum. O emocional fica abalado, a família toda fica apreensiva, cada um tem uma reação, e os pais recorrem a medicina para um possível tratamento, pensando logicamente no futuro desta criança no que diz respeito ao meio social, educacional e profissional do mesmo. Contudo, comigo não foi diferente, peço licença para relatar minha experiência enquanto mãe ouvinte de filho surdo.

2.1 – Gestação

Outubro de 2000, data que marcou minha vida, eu estava grávida aos sete meses de casada, a notícia pegou todos de surpresa, porque tinha pouco tempo de casada, mesmo assim logo gostamos da ideia de sermos pais, a partir do início da gestação já começamos a ver o mundo de outra forma, nosso pensar, nosso agir, nosso olhar, tudo era voltado para o mundo deste bebê que estava a caminho,

realmente é um encanto ser mãe, e não tem como não se apaixonar pelo seu filho ainda no ventre.

Ao terceiro mês de gestação, aconteceu um desconforto no baixo ventre e com isso tive que ir ao médico, após a consulta fui submetida a uma ultrassonografia para melhor avaliação por causa do desconforto, foi quando fiquei sabendo que estava tudo bem com os bebês. Isso mesmo os bebês! Eu estava grávida de gêmeos, a emoção veio em dobro, família toda celebrou com a notícia, e no decorrer da gravidez fiz alguns exames de ultrassom, em um deles tive a surpresa de saber que estava gerando dois meninos, a notícia foi maravilhosa, choramos, rimos e aproveitamos muito cada momento da gestação.

2.2 - Nascimento

Então chegou o dia 04 de junho de 2001, em que nascem os gêmeos, família toda acompanhando no hospital e com grande ansiedade para ver todas as características destes bebês, fui a primeira a saber que nasceram bem, que eram saudáveis e famintos. Logo depois todos puderam vê-los e fizeram todas as análises visuais neles, e voltaram para casa maravilhados pelos gêmeos.

No sétimo dia, o médico deu alta hospitalar, nós fomos para casa e a partir de então a atenção foi dedicada totalmente a eles, passa-se um mês, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, no oitavo mês de vida deles comecei a perceber que um dos gêmeos era mais nervoso, chorava por tudo, enquanto um dos gêmeos balbuciava ou repetia pequenos barulhos, o outro não demonstrava tal comportamento.

Quando fizeram nove meses de vida, em uma consulta de rotina com a pediatra deles, relatei os comportamentos e a forma de um deles se expressar, logo ela o encaminhou para fonoaudióloga onde foram realizados alguns testes simples, ela chamava pelo nome dele e ele não obteve resposta com o olhar, o mesmo teste foi realizado ao irmão gêmeo dele e a resposta foi imediata, este olhou rapidamente para a fonoaudióloga, e a mesma continuou com vários testes, incluído barulho de chaves para chamar a atenção auditiva e não teve êxito, então a fonoaudióloga nos

orientou a procurar um otorrinolaringologista, ela tinha certeza que ele era surdo, mas para certificar-se precisava de um exame específico chamado BERA.¹

2.3 – Diagnóstico

A informação dada pela fonoaudióloga no primeiro momento foi um susto, mas ao mesmo tempo fiquei calma, pois ainda não tinha aquela certeza declarada em laudo, neste mesmo dia foi agendado o otorrino para ele, a espera foi longa, passou-se dez meses para este exame ser realizado. Enfim, fomos encaminhados ao local indicado para realização deste tipo de exame pelo SUS, ao chegar no local na região sul de Palmas, tivemos a notícia que ali não realizavam o BERA, apenas faziam audiometria tonal em crianças a partir dos 6 anos de idade, e meu filho tinha apenas nove meses de vida. Então lá mesmo fui informada de um local particular que realizava o BERA em bebês no centro de Palmas - TO. HOP- HOSPITAL OTORRINO DE PALMAS.

Imediatamente, nós direcionamos para lá, mas as condições financeiras da época nos barraram, adiando o diagnóstico do nosso filho por tempo indeterminado. O tempo passou, ele crescia e nós na expectativa de que ele não seria surdo, dia 17 de junho de 2004 após completar 4 (quatro) anos de idade conseguimos o valor do exame e lá fomos nós. O exame foi realizado.

Após o exame BERA, o otorrinolaringologista nos chamou para entregar o laudo médico, que consta as seguintes informações principais: *Orelha Esquerda: Ausência de respostas típicas reprodutíveis até o nível máximo de estimulação pelo aparelho (110 dB) e Orelha Direita: Morfologia típica da onda V, replicável até 90 dB.*

Não entendi absolutamente nada no momento e pedi que me explicasse com mais clareza, logo ele disse: - o filho de vocês tem uma perda auditiva profunda no lado esquerdo, e na direita ele tem apenas 10% de audição alcançada. O que permite ouvir apenas barulhos muito fortes, ou seja, ele é SURDO. Mas, usando um aparelho auditivo tudo se resolve, é possível ele ter uma vida normal como ouvinte.

Foi com estas informações que saímos do consultório médico, sem rumo, com todas as dúvidas, com uma mistura de sentimentos e sem saber como e quais caminhos trilhar na busca do desenvolvimento do nosso filho. Um mês depois em

¹ BERA (Brainstem Auditory Evoked Response) é um exame indolor que confere a audição de bebês, crianças e adultos, com ele dá para saber o grau da perda auditiva .

outra consulta com a pediatra, relatei o caso, estava em busca de uma orientação profissional, foi quando meu filho foi encaminhado a fonoaudióloga, para um possível acompanhamento semanal.

2.4 - Aparelho Auditivo

Foram várias as sessões de fonoterapia, com o objetivo de estimular a fala do meu filho e eu ali acompanhando tudo de perto, e neste decorrer de tempo várias angústias tomavam conta do meu ser como mãe, me sentido inútil, impotente, incapaz de auxiliar meu próprio filho, e sem apoio psicológico, sem informações abrangentes em relação ao ser surdo. Tudo que eu sabia até aquele momento era que ele precisava ser estimulado a falar e que aquelas sessões com a fonoaudióloga eram necessárias, mas ao mesmo tempo eu percebia que não adiantava nada, o menino continuava apontando para tudo, e não falava uma só palavra, pelo contrário, ao final de cada terapia ele saía do consultório ainda mais nervoso, e aquilo me angustiava muito.

Em uma das sessões, questionei a profissional porque meu filho não tinha avanço nenhum, qual era o real motivo, pois eu já estava a quase um ano levando-o em todas as sessões e não via resultado algum. Logo ela respondeu: “para que seu filho desenvolva melhor a fala ele precisa usar aparelho auditivo”. Foi quando agendei um otorrinolaringologista para ele, na intenção de ouvir da boca de um profissional da área que o aparelho realmente solucionava tudo, seria o fim da minha angústia, pois sonhava em ouvir meu filho pronunciar mamãe; O médico explicou tudo, e por fim saí do consultório com alegria no coração pois tinha ouvido que com o uso do aparelho meu filho iria falar tudo, já que o aparelho o possibilitaria escutar. Mas, como nós não tínhamos condições financeira para custear um aparelho auditivo, o mesmo médico orientou-me a conseguir um pelo SUS.

Segui todas as orientações, juntei todos os exames auditivos necessários, laudos e os documentos pessoais, levei o dossiê completo do meu filho na secretaria de saúde do estado no setor responsável por enviar esta documentação para avaliação médica que seria realizado em outro estado. Neste meio tempo, ficaríamos no aguardo, pois depois dos exames serem avaliados, havendo a necessidade de usar aparelho é que seria realizado a solicitação. A espera durou onze meses, meu filho já quase com seis anos de idade e nada mudava.

A comunicação dentro de casa era cada vez pior, apenas eu como mãe e com todo carinho, entendia meu filho, só de olhar eu já identificava o que ele queria. No momento que ele tentava se expressar e não era compreendido ficava muito nervoso, gritava, chorava, derrubava tudo a sua frente. Mas, eu na tentativa de acalmá-lo dava um banho, e buscava uma forma de compreendê-lo e assim os dias iam se passando. Percebi que o irmão gêmeo dele, de forma natural, logo começou usar gestos caseiros para se comunicarem, e foi dando certo. A esperança de que tudo ia melhorar estava primeiro em Deus e depois no uso do aparelho.

Ano de 2006 não recorro bem o mês, mas enfim o aparelho chegou e fomos convocados a recebê-lo, rapidamente nos organizamos e logo fomos buscar.

2.5 – Orientação, adaptação e estímulo da fala.

Por se tratar de um aparelho externo, fomos orientados a forma de uso, como trocar a bateria, como trocar o silicone e as mangueirinhas, que também são de silicone, quando fizer manutenções e como regular. Os cuidados necessários e todo o manuseio, juntamente com as informações, vieram á notícia que as sessões de fonoterapia teriam que continuar, até o momento estava tudo certo, passamos no posto de saúde e já deixamos a sessão agendada. Quando chegou o dia de levar meu filho para colocar o aparelho, antes de tudo a fonoaudióloga, realizou a regulagem do mesmo de acordo com o grau escrito no exame BERA.

Ao introduzir o aparelho no ouvido, veio logo a rejeição por parte dele, provavelmente o som que ele escutou não foi tão agradável como era esperado, eu imaginava que ao introduzir o aparelho, ele conseguiria se expressar com a fala, essa era a minha esperança, pois não tive orientações sobre esta parte do processo. Neste momento tudo é novidade e você não tem apoio de ninguém da área da saúde, apenas a fonoaudióloga, seu filho e você.

A introdução deste aparelho gerou em meu filho mais aborrecimentos, saiu do consultório correndo e tirou do seu ouvido e jogou-o no chão, por mais que tentássemos não teve acordo, ele não aceitou de forma alguma. A fonoaudióloga calmamente conversou comigo e pediu paciência, falou que com o tempo ele iria se acostumar, mas que eu precisaria todos os dias oferecer a ele o aparelho e tentar colocar em seu ouvido. E desta forma as tentativas duraram cerca de três meses, todos os dias eu tentava colocar nele o aparelho, mas sempre reagia contra, ou seja,

não queria usá-lo. E em uma das sessões de rotina comentei com a profissional a rejeição dele em relação ao uso do aparelho, o que ela relatou é que isso não era bom porque tardaria o processo da fala do meu filho, mas que eu não desistisse e nisso continuei.

Certo dia, ele teve a iniciativa e pegou o aparelho para colocar sozinho em seu ouvido, percebi e ajudei neste dia ele passou o dia usando, aquilo foi um passo muito importante para nós dois. Na sessão seguinte ele foi usando o aparelho, e a partir daí começou-se a estimulação da fala por meios técnicos realizados pela fonoaudióloga.

Diante de tudo, os avanços eram insignificantes, imperceptíveis, e como o acompanhamento era realizado pelo SUS aconteceu troca de fonoaudióloga na unidade de saúde, com esta troca meu filho mais uma vez se fechou novamente e não quis mais aparelho, não quis mais fonoterapia, não colaborava e travou mesmo.

Chega então a fase escolar, foi quando procurei uma escola para eles estudarem, na época visitei três escolas em busca de um ambiente escolar acolhedor que pudesse atender a necessidade dos dois, um ouvinte o outro surdo. Em duas das escolas fui informada que não aceitariam meu filho surdo apenas o ouvinte, porque a escola não estava preparada para atender surdos. Fiquei muito triste com isso, pois na época eu não pensei que enfrentaria este tipo de situação. Mesmo assim, agradei e continuei a busca, até que encontrei uma escola. Fui informada que a escola não estava preparada para receber um aluno surdo. Mas, mesmo assim esta acolheu meus filhos e prometeu buscar assistência para atender não só o ouvinte, mas os dois. Então, começaram a estudar ainda com seis anos de idade.

A secretaria de saúde nos informou que ele precisava retomar aos atendimentos com a fonoaudióloga e que o local das sessões também foi alterado, informaram o nome da unidade de saúde e da nova profissional que iria acompanhá-lo nas sessões. No mês seguinte comparecemos ao local, para iniciar as sessões. Nesse período ele já estava estudando, a escola realmente estava fazendo de tudo para que meu filho aprendesse.

Chegaram à escola duas professoras vindas de São Paulo, com o objetivo de realizarem um projeto de alfabetização para surdo, e por sorte meu filho era o único surdo da unidade escolar, e na idade “certa” para ser alfabetizado. Na medida em

que estava sendo estimulado a usar aparelho e a oralizar. Ele demonstrava que percebia algum som (devido uso do aparelho auditivo), as professoras em sala de aula ensinavam ler e escrever usando a libras associado ao português.

Foi quando meu filho teve o primeiro contato com a libras ainda fazendo fonoterapia, nesta época o sofrimento de mãe começa a ter certo alívio, percebi meu filho evoluindo, a comunicação ainda não fluía, mas já tínhamos um avanço, na medida que ele aprendia no espaço escolar, aprendia também no consultório. Ele levava essa experiência para casa, chegava apontando as coisas mostrando as formas dos objetos e não entendíamos, conversei com a professora como eu poderia ajudá-lo em casa, porque ele estava aprendendo rápido e eu não o entendia.

Entretanto, a professora muito sabia me convidou a participar da aula junto com meu filho. Eu imediatamente aceitei, e na escola eu aprendia junto com ele, como foi bom o dia em que sinalizei água, ele foi buscar e me entregou a água. Chorei de emoção, pois ali começava nossa comunicação, um estava entendendo o outro. Porém, na fonoterapia e a experiência no uso do aparelho ele não conseguiu evoluir com a mesma intensidade.

O contato com a libras nos proporcionou liberdade, fluidez nos diálogos, me conduziu a um mundo que não conhecia. Fui informada o motivo para tamanha evolução, a LIBRAS é a primeira língua (L1) dos surdos e o português a segunda língua (L2) e só na modalidade escrita, não sendo obrigatório a oralização.

Mesmo sabendo disso continuei a levá-lo nas terapias estimuladoras orais, pois quando o surdo recebe um aparelho auditivo pelo SUS é obrigatório o acompanhamento e estimulação da fala, e com meu filho este acompanhamento continuou, ele começou a pronunciar os balbucios com seis anos e dez meses como um bebê de oito a nove meses de vida, e conseguia oralizar: PA PA PA, MÃ MÃ MÃ. Nesse sentido, percebi que existia uma diferença no nível de aprendizagem, quando se tratava da forma linguística a que ele era submetido, pois com a Língua brasileira de sinais a evolução dele foi mais rápida, ele conseguia expressar a palavra inteira em forma de sinal, já na oralização balbuciava apenas sílabas simples, conforme comentado acima. Com isso, ele foi crescendo com a aquisição linguística em libras e em português oralizado de forma simultânea.

3 - REFLEXÕES TEÓRICAS

Ao relatar uma experiência deixa-se um registro de vida experimentada por alguém em determinado tempo de sua vida, esta autobiografia tem como proposta relatar uma história de vida entre mãe de gêmeos um ouvinte e o outro surdo, levando em consideração desde o diagnóstico até os seis/sete anos de vida do filho surdo, os desafios que são encontrados com o decorrer do tempo.

A importância de relatar o assunto é reflexiva e significativa no que diz respeito ao relacionamento entre família ouvinte com filho surdo. É nesse contexto, que a problemática deste relato se fundamentou: Quais os desafios encontrados entre o diagnóstico até a aquisição da linguagem, ou seja, do seu desenvolvimento, social e cultural.

Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são 10 milhões de pessoas surdas só no Brasil, isso equivale a 5% da população brasileira. A maioria destes surdos é de famílias ouvintes, que não tem histórico de surdos nas outras gerações e são famílias que em muitas das vezes desconhecem o mundo social, relacional dos surdos.

Sobre isso, se faz necessário esta autobiografia para que as futuras gerações, ou profissionais da educação e saúde, possam ter como referência para embasamento teórico, bem como para que as experiências negativas não se repitam nas futuras gerações, tendo em vista que a realidade hoje é totalmente diferente, com o uso da tecnologia e das Leis que garantem o direito dessa comunidade.

3.1 - Educação de surdo

No atual momento tem se debatido no meio político e meio educacional o assunto referente à educação de surdos brasileiros, a importância que tem a língua a cultura e pôr fim a educação visual dos surdos, através da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que diz:

Art.2º para os fins deste decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da língua brasileira de sinais-Libras (Brasil, 2005).

Diante dos estudos realizados para este trabalho foi possível encontrar Quadros (1997) que abre uma reflexão sobre educação de surdos no Brasil, realidade que persiste na história de muitos surdos até hoje, a autora apresenta esta educação em duas fases, a fase que é constituída pela oralização e a outra fase é o bimodalismo.²

O oralismo, contudo, é uma proposta educacional que contraria tais suposições: não permite que a língua de sinais seja usada nem na sala de aula nem no ambiente familiar, mesmo sendo esse formado por pessoas surdas usuárias da língua de sinais (Quadros, 1997, p.22).

É no convívio permeado pela linguagem que a família poderá criar vínculos e construir conhecimento. Para que isso aconteça, são fundamental que a família compreenda o significado social da surdez, em especial as barreiras linguísticas a que seus filhos surdos poderão enfrentar.

Na fase Bimodal os surdos são ensinados a se comunicarem nas duas modalidades linguísticas simultaneamente, tendo oralização e os sinais para se expressar em fase nominado português sinalizado, segundo a autora, sendo um sistema artificial de educação de surdos.

As duas fases constituem grande parte da história da educação dos surdos no Brasil. Ainda hoje estão sendo desenvolvidos o oralismo e o bimodalismo nas escolas brasileiras; porém, há algo que está aflorando nas comunidades surdas estão despertando e percebendo que foram muito prejudicadas com as propostas de ensino desenvolvidas até então e estão percebendo a importância valor da sua língua, isto é, a LIBRAS (Quadros, 1997, p.26).

Na fase educacional do meu filho, mesmo sem entender muito bem toda a história foi possível entender que ele estava sendo submetido ao bimodalismo, por utilizar as mãos para sinalizar e ao mesmo tempo oralizava.

Com relação aos caminhos e meios que busquei para o desenvolvimento do meu filho a primeira alternativa foi o oralismo, por influência da área médica e por falta de conhecimento ou esclarecimentos sobre o surdo. Sendo assim Goldfeld, (2002) fala que “A dificuldade dos surdos ocorre pelo fato de as línguas auditivas

² (...) o bimodalismo pode minimizar o bloqueio de comunicação que geralmente a criança surda vivência, evitando assim suas consequências para o desenvolvimento da criança e possibilitando aos pais ocuparem seus papéis de principais interlocutores de seus filhos (Goldfeld, 2002, p. 41).

orais serem as únicas utilizadas pela grande maioria das comunidades, e a surdez impossibilita a criança de adquiri-la espontaneamente” (Goldfeld, 2002, p. 80).

O sujeito surdo tem seu próprio jeito de ser e de estar, mesmo em meio a um contexto de família de ouvintes. Constituindo-se assim, como uma condição colocada como o sujeito surdo em uma comunidade de ouvintes, em busca de descobertas ainda não vivenciadas mais que tivessem significado.

Por outro lado, existe a opinião médica e de instituições que levavam a crença de que a criança considerada “deficiente auditiva” poderia receber um tratamento e uma possível cura. Conforme explica Quadros e Perlin (2007):

Ainda que estes “outros” aderem aos movimentos de lutas, em todas as instâncias institucionais, os seus interesses têm motivos próprios, clínicos e até mesmo financeiros. Suas crenças pairam na recuperação biológica das “orelhas danificadas” a preços módicos e sacrifícios ritualísticos de cirurgias médicas, tal como o implante coclear (Quadros e Perlin, 2007, p. 205).

Embora seja verdade que a recuperação da audição pode ser um objetivo importante para muitas pessoas, acredito que a citação é bastante pertinente no sentido de que essa luta pelo querer fazer o surdo ouvir é uma prática da área médica ou um desejo da família que lutam pela recuperação da audição e que podem estar motivadas por uma variedade de razões, incluindo o desejo de se comunicar mais facilmente com a pessoa surda, na tentativa de melhorar sua qualidade de vida e participar mais plenamente da sociedade.

3.2 - Desenvolvimentos da linguagem

A família é a base de todo ser humano, a sua aprendizagem depende muito deste contato e dos primeiros cuidados, um olhar atento da mãe faz a diferença em seu desenvolvimento.

A aprendizagem e o desenvolvimento, então, estão inter-relacionados desde os primeiros dias de vida da criança. A aprendizagem está sempre um pouco adiante, proporcionando o desenvolvimento. Os adultos, e em primeiro lugar os pais, tem um papel determinante no desenvolvimento da Criança (Goldfeld, 2002, p.73).

Aprender uma língua e se comunicar através dela de maneira natural são capacidades unicamente do ser humano, que envolve seu desempenho cognitivo

tanto quanto o desenvolvimento social, acontece de forma involuntária, leve e simples, explica Lenzi:

(...) os surdos, como ser humanos que são, possuem, também, essa capacidade, o que explica sua possibilidade de adquirir a língua falada em seu país. Desenvolvendo a função auditiva e dispondo dessa capacidade inata, o surdo precisa receber a linguagem de maneira natural, como acontece com a criança que ouve (Lenzi, 1995, p.44).

O desenvolvimento linguístico nas crianças surdas acontece de forma rápida diferente dos surdos adultos que pegam lentamente, como enfatiza Quadros em seu livro:

As línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço (Quadros,1997, p.46).

A criança surda passa por fases de aprendizagem da língua no período de aquisição de acordo com Ronice no período pré-linguístico é possível confirmar que: “Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade oral- auditiva ou espaço-visual” (Quadros,1997).

O período de estágio de um sinal, começa com doze meses de vida, usando os apontamentos, chegando às primeiras combinações em língua de sinais com idade de dois anos, usando sinais simples como aqueles com toques no corpo, após isso tem o estágio de múltiplas combinações, com idade de três anos sendo capazes de se expressar de forma compressiva e natural, até a idade de cinco anos aprendendo diariamente, automaticamente aumentando seu vocabulário evoluindo com a linguagem visual, como primeira língua.

Quando o sujeito surdo é submetido ao oralismo e ao mesmo tempo aprende libras e consegue ter uma comunicação total na visão oralista estes surdos continuam com as barreiras de comunicação como explica a autora a seguir.

Os que conseguiram, por meio de muito esforço, dominar a língua oral e perceberam que esse domínio não garantiu necessariamente sua participação ativa na comunidade ouvinte, por terem crescido sem suporte linguístico necessário, tornaram-se alguns deles com sérios problemas cognitivos, sociais e emocionais (Goldfeld, 2002, p.96).

Para o avanço da construção de identidade da criança surda é fundamental que a aquisição linguística aconteça nos primeiros anos de vida, em todas as fases, pois o desenvolvimento é dado através da língua, com ela todo ser humano é capaz de se expressar, pensar, e se relacionar de forma igualitária, a libras como primeira língua, leva os surdos ao conhecimento de mundo na modalidade visual de ser proporcionando o mesmo a capacidade de discernir o meio em que vive, a capacidade de conceituar e entender signos e significados, a primeira língua é adquirida de forma natural e não causa danos ao usuário, torna-se algo natural e leve.

A comunicação não é a única função da linguagem, ao contrário, a comunicação é o início de um processo extremamente complexo que resulta na internalização de conceitos e na constituição do indivíduo enquanto membro de uma cultura específica, já que a linguagem possibilita a formação de uma visão de mundo própria (Goldfeld, 2002, p.160).

Quando a criança surda é privada de ter contato com libras na idade de aprendizagem, crescerá com atraso cognitivo, logo o seu desempenho em todas as áreas do conhecimento de mundo tem características atrofiadas por não ter sido estimulada em sua língua. Assim, o conhecimento necessário para que sua mente seja rica em detalhes e capaz de não ter barreiras de pensamentos por falta de comunicação fica com atraso.

Diante do processo de aquisição linguística do meu filho, e direcionamentos que tive como mãe ouvinte, relacionando a teoria com a história dele, ter contato com a libras mesmo que com idade de seis anos, foi muito importante e foi visível o desenvolvimento cognitivo dele, aguçou todos os sentidos, melhorou sua visão e entendimento de mundo, tudo passou a ter significado para ele, a fase dos porquês chegou e eu pude ajudá-lo na sua língua, na língua a qual ele não teve nenhuma dificuldade para aprender. Dessa forma, além dele aprender também repassava seu aprendizado para toda família e amigos mais próximo. Assim, fluía a comunicação entre todos naturalmente.

3.3 - Relações familiares

No âmbito familiar o bom relacionamento se dá através do respeito, do compartilhar, da comunicação e vivência coletiva, na família ouvinte com filho surdo, é comum ver todos se comunicando no português oralizado sem se preocupar com a compreensão do surdo, a desigualdade se dá pela aquisição linguística. Contudo, espera-se que as barreiras de comunicação sejam removidas a partir de atitudes por parte de toda família como explica Maria Elizabeth (2006) no estudo *Família e Criança Surda (...)*. Na percepção das famílias, o esforço para se comunicar e a disponibilidade para aprender e ensinar também facilita o convívio com a criança surda.

No meu lar o convívio com filho surdo teve os dois lados, o primeiro lado foi o das dificuldades de comunicação e compreensão e o lado de aprendizagem o esforço familiar, mesmo encontrando muitas dificuldades de lidar com a situação de não saber por onde começar, a busca do conhecimento em prol do mesmo, o apoio que todas as famílias de surdo necessitam ter e não tem, causando em muitas das vezes o atraso linguístico do surdo e o desenvolvimento social entre as partes.

Geralmente os pais de surdos entendem que precisam educar o filho surdo de maneira diferente da educação dada aos ouvintes, mas não sabem, e o conhecimento da existência da comunidade e da língua espaço visual e da cultura surda, tem significado libertador para o próprio surdo quanto para a família do surdo, que é a partir deste contato cria-se um relacionamento entre as partes.

Semelhante a história narrada neste trabalho, existe um filme chamado “E seu nome é Jonas” que mostra a realidade de uma criança surda e sua família ouvinte, as dificuldades na comunicação e também os caminhos e desafios que a mãe dele seguiu e teve em busca de melhorias em seu desenvolvimento intelectual e social, assim como narrado acima, ela também recorreu e acreditou que a medicina teria a solução para seu filho ter uma vida “normal”, com uso de aparelhos, terapias com fonoaudiólogos, tudo isso sem sucesso até o dia em que Jonas é matriculado em uma escola para surdos, onde ele teve o primeiro contato com a língua de sinais e tudo começou a ter sentido, significados e sua mãe começou a perceber que ali ele se sentia incluído e entendido e com este acontecimento ela também passa a aprender junto com ele, a comunicação entre as partes evoluiu significadamente, isso

se deu devido a aquisição linguística dele ser visual e não via oral, o contato com a comunidade surda contribui neste processo.

DICAS: Mães ouvintes com filho surdo, antes de tentarem introduzir a oralização e o aparelho auditivo em seu filho, se coloque no lugar desta criança, nas dores dela, no desconforto linguístico e cognitivo dela, antes busque conhecer primeiro como é o ser surdo e qual forma ele é capaz de se desenvolver naturalmente sem sofrimento, tentar introduzir o surdo na cultura ouvinte é quase um crime, (não que isso seja proibido) mas... Uma vez que ele tem uma cultura, uma língua, uma comunidade, que se desenvolve de forma independente, pois tem apoio de sua língua e isso proporciona ao surdo bem estar, satisfação e conforto linguístico, isto é respeito, isto é reciprocidade. Conheça pessoalmente a comunidade surda e seus costumes, tente e faça algo diferente pelo desenvolvimento do seu filho, ele não merece viver em mundo que não se identifica (cultura dos ouvintes).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo eu uma pessoa ouvinte e mãe de surdo, e agora conhecedora do processo linguístico do surdo através de estudos realizados na faculdade, pude compreender que, cada desafio que passei levando meu filho para ser corrigido com o uso de aparelho auditivo e forçando algo que não vai de acordo com a realidade da comunidade surda, alimentando um desejo particular de introduzir nele o modo ouvintista, desenvolvendo a fala; cada mês que se passava indo a fonoterapia eu não tinha noção o quanto estava atrasando o seu processo linguístico natural.

Os momentos em família, em que às vezes ele tentava se expressar e não compreendíamos, a sua reação era desesperadora, agressiva, demonstrava seu sentimento a todo tempo que eu estava conduzindo ele ao mundo dos ouvintes e que não era isso que ele necessitava naquele momento, o significado do nervosismo era só a falta de compreensão e comunicação, não só a mãe, mas o pai, os irmãos os tios e primos precisavam se esforçar um pouco mais para que isso não viesse acontecer.

O sentimento de impotência que eu sentia foi o combustível para que eu não acomodasse em momento algum, busquei meios de ajudá-lo, cometi erros, busquei caminhos inadequados para o surdo por meio da cultura ouvinte, e por falta de informações acessíveis no dia a dia cometi estes enganos com meu filho, mas foi possível ao longo do tempo depois de nos aproximarmos da comunidade surda e das orientações de pessoas que entendia o processo de aquisição linguística para surdos, pude compreender este processo e como se daria a busca certa pelo desenvolvimento linguístico, social e emocional do meu filho.

Percebo que as relações familiares como com o irmão gêmeo, com a Irmã e com o pai dele se tornaram mais agradáveis e compreensivas a partir da igualdade na comunicação, e o caso de entender e se fazer ser entendido, mesmo tendo membros da família que ainda não são fluentes, mas que se esforçam para ter um diálogo com ele, vejo como um grande avanço. O papel da família na construção de mundo do surdo é muito importante e o processo da aquisição é um fator divisor de águas, o apoio moral e educacional de uma criança surda e de toda sua família é que vai levar este surdo e sua família ter uma vida em sociedade de forma inclusiva

de verdade, em minha casa os irmãos se comunicam em libras com meu filho surdo, já o pai dele tem uma mistura de libras com gestos e oralisação,mas o dialogo acontece, nos encontros de família geralmente eu tenho que intermediar interpretando tudo que esta acontecendo,tento deixar o clima mais harmonioso entre todos e assim agente consegue se entender, família unida se entendendo e quebrando barreiras do preconceito e fazendo a diferença onde for.

REFERÊNCIAS

Goldfeld, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**/ Marcia Goldfeld. 7° ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

Google Acadêmico: Artigo: Família e Criança Surda, Elizabeth Dumont Negrelli- Universidade Estadual de Maringá-UEM de 2000.Acesso dia 18/11/2023 as 18:32h.

Brasil, Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, **que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acessado dia 18/11/2023 as 16:33h.

LENZI, Alpia F.C.O Método perdoncini. In **surdez: Abordagem geral**. (org. Strobel, K. L. e Dias, S. M. S.). Curitiba: FENEIS. 1995.

PIERRO, M. C. D. e GALVÃO, A. M. O. **O Preconceito contra o analfabeto (Col. Preconceitos - vol. 2)**. Cortez editora, 2007.

https://mariacclaradipierro.com.br/wpcontent/uploads/2021/01/O_preconceito_contra_o_analfabeto.pdf. Acesso em 15 de outubro de 2023.

Quadros, Ronice Muller, de **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**/ Ronice Muller de Quadros. - Porto Alegre: Artmed,1997.

_____. **O bi do bilinguismo na educação de surdos In: Surdez e bilinguismo**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

SILVA, L. S.; BASTOS. T. **Pais ouvintes e filhos surdos: impasses na comunicação. Entrelaçando** (caderno temático: Educação Especial e Inclusão), ano 4, n.8, p. 25. 2013.

Signumweb. Quantos surdos há no mundo? E no nosso Brasil? Saiba mais! <https://blog.signumweb.com.br/curiosidades/quantos-surdos-no-mundo-e-brasil/Em>. Acessado em 07 de novembro de 2022, às 17h. e 27min.

E SEU NOME é Jonas. Produção de Richard Dick Michaels. Estados Unidos da America: Charles Fries Productions 1979. Cinema comentado e surdoparasurdo (100 min).

